

# TRÊS CANTOS PARA FORTALEZA

Elizabeth Dias Martins\*

## Resumo

O presente trabalho analisa três poemas sobre a cidade de Fortaleza, escritos por Linhares Filho, Sânzio de Azevedo e Roberto Pontes, integrantes do Grupo SIN de Literatura e da Geração 60 da poesia brasileira. Esta análise é alusiva ao transcurso dos 279 anos da cidade de Fortaleza, comemorados em 2005.

**Palavras-chave:** Poesia, Comparação, Efeméride.

## Abstract:

The present work analyse three poems about the city of Fortaleza, written by Linhares Filho, Sânzio de Azevedo and Roberto Pontes, members of the SIN Group of Literature and of the 60's Generation of the Brazilian poetry. This analysis alludes to the course of the 279 years of the city of Fortaleza, commemorated in 2005.

**Key-words:** Poetry, 60's Generation, Epheméride

A propósito das comemorações dos 279 anos de Fortaleza, propomos a leitura e análise de três poemas sobre esta cidade aniversariante, dos muitos escritos ao longo de mais dois séculos. Os autores são poetas cearenses pertencentes ao Grupo SIN de Literatura, portanto, à Geração 60 da Literatura Brasileira: Linhares Filho, Sânzio de Azevedo e Roberto Pontes. Muitas são as coletâneas brasileiras de poesia; e se os três autores estão incluídos em várias delas, ressaltamos figurarem eles nas seguintes antologias, de muita importância para a fixação do cânone da Geração 60: *Revista de Letras: Número comemorativo dos 25 anos de fundação do Grupo SIN*. Fortaleza, Vol.15, Nº 1/8, jan. de 1990/dez. de 1993; antologia *A poesia da Geração 60*, de Pedro Lyra (Rio de Janeiro: Topbooks, 1995); e *A poesia cearense do século XX*, de Assis Brasil (Rio de Janeiro: Imago, 1996).

O presente estudo, tomará três poemas, um de cada autor, que transcreveremos, respectivamente, numerando-lhes os versos para facilitar o acompanhamento da análise a ser procedida.

## Canção a Fortaleza

*Rendido aos teus fascínios de praiana,  
ama-te o Sol ao te beijar o seio.  
És deusa, castelã, nobre ou cigana?  
Ao vento tens um lúbrico meneio...*

5 *De tua bela História desce um veio  
em que o luar se espelha, e dela mana  
um mel silvestre, esplendoroso e cheio  
do hospedeiro dulçor de uma cabana...*

10 *Exalas um odor tão excitante  
de maduro pomar e maresia,  
e és forte desde a origem, mas amante.*

*Feita de noite amena e claro dia,  
deixa que em febre eu sempre te decante,  
e o teu rosto auroral sempre sorria.*

(LINHARES FILHO, 1999, 317)

O poeta **Linhares Filho** inicia seu poema a dar-nos conta de que o Sol ama Fortaleza, a fascinante praiana, e a beija. No texto observa-se a atribuição de qualificativos humanos à cidade, por meio da prosopopéia, como lemos no verso 4: “tens lúbrico meneio...”.

Esta cidade, por quem o Sol está rendido, deixa o eu-poético a duvidar se será ela de verdade, “deusa, castelã, nobre ou cigana?”. Na interpelação de que faz uso temos a presença de antíteses constituídas por dois pares dicotômicos: *deusa/castelã* e *nobre/cigana*.

\* Crítica e ensaísta. Doutora em Letras pela PUC-Rio. Professora Adjunta do Departamento de Literatura e do Mestrado/Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

Esta situação antitética vai persistir na concepção de ser a cidade-mulher ao mesmo tempo singela e forte, oposição marcada pela adversativa “mas”, conforme se lê quando escreve: “és forte..., mas amante” (v.11). Adiante, a presença da antítese expressa em: “Feita de noite amena e claro dia” (v.12), põe em destaque certa feição poética maneirista.

Este é um soneto realizado dentro da tradição petrarquista, composto por dois quartetos e dois tercetos. Sua proposta é essencialmente lírica e dá destaque à magia exercida sobre o eu-poético e o próprio autor, através dos atributos femininos com que a cidade é personalizada.

A alusão à História de Fortaleza, no primeiro verso do segundo quarteto, é genérica, sem prender-se aos fatos que naturalmente encerra. O poeta também procura apreender a essência da urbe em seu canto, destacando-lhe os atributos sensuais, tornando-se inevitável a interferência do *eu* no penúltimo verso do segundo terceto.

Portanto o eu-lírico vibra, incessantemente, sob estímulo dos atributos erotizantes empregados na construção do poema. Basta ver, no primeiro verso, os “fascínios de praiana”; no segundo, o verso todo, “ama-te o sol ao te beijar o seio”; no quarto, “o lúbrico meneio”; no nono, “um odor tão excitante”; no décimo primeiro, a figura da “amante”; e no décimo segundo, “a febre”, a assolar o cantor.

O segundo quarteto contém a idéia do acolhimento dispensado por Fortaleza aos visitantes eventuais, *resíduo cultural* da hospitalidade de origem indígena ressaltada no “dulçor de uma cabana”.

Da leitura deste soneto podemos extrair dois desejos do autor, bem patentes no segundo terceto: o primeiro, de sempre decantar sua cidade; o segundo, que se lê na chave de ouro do soneto, de permanecer esta sempre a sorrir.

### **Fortaleza**

*Eu bem sabia, Fortaleza! enquanto  
estive no teu seio,  
à pobre inspiração nunca me veio  
um verso que pintasse o teu encanto!*

5 *Hoje bem longe, entanto,  
desejo celebrar-te; e enquanto em cheio  
me pesa na alma a tua ausência, anseio  
que minha voz não se dilua em pranto...*

10 *Somente assim distante (eu bem sabia)  
tão forte sentiria  
o teu fascínio, ó lírica cidade!*

*Pois se não tenho a ti como desejo,  
ó Fortaleza amada, eu te revejo  
com os olhos da saudade...*

(AZEVEDO, 1986, 65)

“Fortaleza” é um soneto de **Sânzio de Azevedo**, ao modo das canções do exílio, sem necessariamente prestar vassalagem ao paradigma romântico de Gonçalves Dias.

Logo é de notar a intimidade estabelecida pelo eu-poético com o objeto do seu fascínio, Fortaleza, numa relação notória firmada entre o Eu e o Tu, pessoas pronominais que, por força da última, se acham em proximidade na ausência e na distância.

O enunciado verbal exprime um estar ausente físico. Contudo, o objeto desejado está presente na lembrança.

A presentificação da cidade é conseguida pelo poeta por meio da interlocução hipotética presente em todas as estrofes e a sempre se dar com o emprego da segunda pessoa e dos vocativos, como se constata nos versos 1º, 2º, 4º, 6º, 7º, 11º, 12º e 13º.

Este soneto é, por natureza, lírico, e nele a cidade natal do poeta está antropomorfizada, quase ganhando contorno feminino.

Registre-se, ao mesmo tempo, ser este um soneto de celebração, como consta no verso 6º, no qual o autor declara diretamente o desejo de exaltar sua cidade, intenção que aproxima o modo poético escolhido da maneira própria da ode. No entanto, o faz através de versos heterométricos, conquanto mantém um esquema rimático regular abba, abba, ccd, eed.

Para Sânzio de Azevedo, a cidade de Fortaleza é sobremodo um lugar lírico de eleição afetiva. Portanto, ausente da cidade o poeta explode em sua efusão lírica.

O terceto final, por exemplo, pode ser considerado um ato sublimatório de posse, pois se o eu-lírico não dispõe fisicamente da cidade para amá-la; contenta-se em tê-la de modo platônico, ou seja, “com os olhos da saudade...”.

Formalmente, este soneto de Sânzio de Azevedo se estrutura, em quase sua totalidade, à base de *enjambements*, a conferirem aos versos um ritmo próprio e bem fluente, pagando o autor tributo, neste caso, à poética medieval trovadoresca.

### **Poema para Fortaleza**

*Em Fortaleza amo as coisas que não passam.  
A molecada a jogar cabiçulinha  
roendo milho, empinando uma arraia  
dando fieira para o giro dos piões.*  
5 *E amo do Forte sua fortitude  
e o Mercado de São Sebastião.  
Amo o velho Farol do Mucuripe  
e as jangadas com os peixes da manhã.  
E o cruzeiro de Soares Moreno  
10 posto na lama do Rio Ceará.  
Amo o Cocó, bela imitação de rio  
que pescadores miseráveis aleitou.  
De Fortaleza amo as carnaúbas  
o vento aracati e os sanhaços*

- 15 *a Igreja do Rosário dos cativos  
a Volta da Jurema com broche de coral  
e o Passeio Público, também Praça dos Mártires,  
cheia de heróis, de execuções, de horror.  
E mais, bem mais posso dizer, pois amo*
- 20 *de Fortaleza as coisas que não passam  
por teimosia, só por teimosia,  
com suas línguas de rebelião!*

(PONTES, 1996, 80)

O poema de **Roberto Pontes** é também de amor, mas igualmente de exaltação à urbe, ficando isto claro desde o envio expresso no título, “para Fortaleza”, ato verbal de eleição afetiva.

No limiar dos versos, ou *incipit*, lemos a declaração amorosa do eu-poético e sua escolha pela presentificação do espírito cidadão de Fortaleza sintetizado em “flashes”, por exemplo, nos referentes à paisagem humana infantil, nos três folguedos mencionados nos versos 2, 3 e 4 (“cabiçulinha”, “arraia” e “piões”), bem como num hábito alimentar típico da cidade-sujeito em destaque (“roendo milho”).

O verbo *amar* é repetido anaforicamente nos versos 1, 5, 7, 11, 13 e 19, com a finalidade de exprimir o afeto sentido pela cidade, de modo intensificado e indubitável.

No quinto verso, por exemplo, aparece ligado a um jogo de agudeza, numa rima derivada, recurso da *Arte de Trobar* medieval, muito praticado por Camões e pelos poetas do Barroco; refiro-me especificamente ao jogo verbal “Forte” – “fortitude”.

Nos versos seguintes, a paixão do poeta pela cidade de seu apreço se manifesta nas enumerações de lugares que a identificam, como o Mercado São Sebastião (vs. 6), espaço tradicional de compra e venda de gêneros das mais variadas espécies e símbolo do próprio comércio local. A existência do mercado se associa à da própria cidade em sua feição mais antiga.

A Volta da Jurema é também parte da topografia afetiva do poeta, e a ela o eu-poético relaciona uma metáfora referida aos arrecifes ali existentes, onde o mar bate sem pensar no tempo, e aos quais ele empresta a cor dos corais para estetizar seu texto. A alusão ao Rio Cocó é acompanhada de uma ironia carinhosa dirigida a um rio pouco significativo se comparado a outros, grandes e permanentes, que cortam importantes cidades do mundo. O verbo “aleitou”, no pretérito, evidencia o estado atual do frágil curso d’água, tão miserável e precário quanto os pescadores que dele se servem para buscar o sustento parco. Cabe lembrar aqui outro poema do autor, “Lamento do rio raivoso”, dedicado ao Cocó, texto de forte implicação política:

*Essa água  
Aonde um tronco vai  
Não é água.*

*É sangue.*

*Esse rio que corre  
Não é rio.*

*É rei coroado de pontes.*

*Essas conchas  
Que lhe servem de leito  
Não são ostras.*

*São ossos trazidos dos mangues.*

*Essa nascente do rio Cocó  
Só pode ser dois olhos  
Muito grandes  
Chorando a vida toda  
Por ter nascido rio  
E não fuzil.*

(PONTES In: LYRA, 1995, 468)

Nas enumerações de sítios históricos o poeta destaca o Forte Schoonenborch, em torno do qual surgiu o arruamento que originou a cidade de agora. E o evoca através da inscrição primeira existente nas armas do brasão a ele alusivo, segundo os primeiros mapas geográficos; já o Rio Ceará, como todos sabem, foi o portal de acesso dos primeiros colonizadores a aportarem no litoral de Fortaleza, onde foi erguido um forte, precisamente na barra do Rio Ceará, logo destruído pela força guerreira dos nossos indígenas. A Igreja do Rosário dos Cativos também é mencionada pelo poeta para valorizar a “história dos vencidos” e homenagear os escravos incumbidos de sua construção. O Passeio Público, por sua vez, a evocar a *belle époque* fortalezense, também guarda consigo a memória iníqua dos fuzilamentos ali realizados ao termo sanguinolento da Confederação do Equador no Ceará.

Quanto aos monumentos, o Farol do Mucuripe é um dos símbolos da cidade e tem servido de tema em todas as artes. Já o Cruzeiro de Soares Moreno, mesmo maltratado, resquício da História Colonial, persiste como marco de apossamento dos colonizadores.

Os fazeres do povo, sem os quais não se completaria o perfil de Fortaleza, dizem respeito aos divertimentos infantis, já citados, e à oferta de pescado, prática cotidiana nas praias fortalezenses, podendo juntar-se a estes a utilização da mísera sobrevivência retirada do Rio Cocó pelos ribeirinhos.

A estampa aos poucos delineada pela imaginação poética se estende à fauna (sanhaços), à flora (carnaúbas) e ao clima (vento Aracati), denotativos do típico local captado pelos sentidos do eu-poético. A esse típico local, some-se o emprego de duas palavras: “cabiçulinha” e “arraia”, léxico empregado com exclusividade pelo povo cearense.

Já dissemos sobre o processo anafórico estruturante do discurso poético do texto em estudo, cabendo-nos agora indicar também o da repetição, que concorre para dar subs-

tância ao texto conclusivamente, a começar do verso 19 no qual se lê: “E mais, bem mais”, e do 21, em que temos: “por teimosia, só por teimosia”, repetição preparatória do desfecho verbal no último verso.

Quanto ao fenotexto – sentido mais profundo do texto – podemos afirmar ser “Poema para Fortaleza” um texto de amor à terra natal, um levantamento metonímico da cidade, cuja fisionomia é delineada através de um mapeamento afetivo, caminho seguido pelo poeta para evocar seu berço natal. É importante notar haver o autor descartado o registro melífluo e saudosista, muito comum em poemas da espécie, preferindo o tempo presente para evocar com carinho os *tópoi* do passado, reservando-se ao mesmo tempo o direito de lembrar uma Fortaleza libertária “com suas línguas de rebelião”.

Um terceiro poema de Roberto Pontes, um epigrama e ao mesmo tempo um *serventês*, condensa e interpreta palavras buscadas ao próprio povo residente em Fortaleza. O poeta aproveitou um rabisco grafitado em muro de subúrbio e escreveu:

### ***Grafito de Fortaleza***

*Inscrito nos muros  
de Fortaleza adormecida:  
“Nós já nascemos envergando luto  
e comemos a ração  
dos próprios ossos”.*

(PONTES, 1996, 82)

Evidentemente, o amargor, a revolta e a indigência dos habitantes de Fortaleza estão aí bem patentes.

Concluindo, cabe observar terem os três poetas, cada qual a seu modo, construído o canto de amor que Fortaleza lhes merece. Linhares Filho dá-se a um registro lírico-amoroso, referto de sensualidade; Sânzio de Azevedo, também no diapasão lírico-afetivo, realiza seu texto sob o domínio da evocação, ao lado da reverência idealista típica de um exilado voluntário; já Roberto Pontes elabora seu poema no plano lírico-social, dando-nos “flashes” da vida, da História e da cultura da cidade de Fortaleza, celebrada esta de modo atemporal quando enfatiza a força libertária que nela sempre pulsou no passado, no presente e, com certeza, no futuro.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, Sânzio. *Canto Efêmero*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

ASSIS, Brasil. *A poesia cearense do século XX*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LINHARES FILHO, José. *Itinerário: trinta anos de poesia 1968-1998*. São Paulo: Editora Scortecci, 1999.

LYRA, Pedro. *Sincretismo: A poesia da Geração 60*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

PONTES, Roberto. “Lamento do Rio Raivoso”. In: LYRA, Pedro. *Sincretismo: A poesia da Geração 60*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

\_\_\_\_\_. *Verbo Encarnado*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

*REVISTA DE LETRAS: Número comemorativo dos 25 anos de fundação do Grupo SIN*. Fortaleza, Vol. 15, Nº 1/8, jan. de 1990/dez. de 1993.